

TERRITÓRIOS CRIATIVOS E O FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE CULTURAL LOCAL

Danisson Luiz dos Santos Reis¹
Clarissa Stefani Teixeira²
Emília Malcata Rebelo³

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2025.62.17151>

Submetido em: 8/4/2025

Aceito em: 9/6/2025

Publicado em: 27/6/2025

RESUMO

O presente artigo busca traçar a relação existente entre a construção de territórios criativos e culturais em suas diversas tipologias, tais como distritos, *clusters*, *hubs*, ecossistemas e bairros criativos e culturais, e seus impactos na identidade cultural local. A fim de alcançar tal objetivo, foi conduzida uma revisão integrativa a partir de dados coletados em bases internacionais – *Scopus*, *Web of Science* e *Ebsco* – que possibilitou a constatação da existência de benefícios e impactos negativos para a identidade cultural local provenientes de territórios criativos e culturais. O estudo também pode averiguar quais atividades os territórios precisam exercer para fortalecer e preservar a sua respectiva identidade cultural.

Palavras-chave: economia criativa; economia da cultura; ecossistemas criativos; territórios criativos e culturais; planejamento urbano.

CREATIVE TERRITORIES AND IMPROVING LOCAL CULTURAL IDENTITY

ABSTRACT

This article seeks to trace the relationship between the implementation of creative and cultural territories, in their various typologies, such as creative and cultural districts, clusters, hubs, ecosystems and quarters, and their impact on local cultural identity. In order to achieve this objective, an integrative review was conducted using data collected from international databases – *Scopus*, *Web of Science* and *Ebsco* – which made it possible to verify the existence of benefits and negative impacts on local cultural identity from creative and cultural territories. The study was also able to ascertain what activities territories need to carry out in order to strengthen and preserve their respective cultural identity.

Keywords: creative economy; cultural economy; creative ecosystem; creative and cultural territories; urban planning.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5656-6519>

² Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis/SC, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1362-1255>

³ Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto – Feup. Porto, Portugal. <https://orcid.org/0000-0003-4257-9017>

INTRODUÇÃO

No contexto global, a economia criativa atrai interesse político, acadêmico e também da iniciativa privada, devido à possibilidade de auxiliar na solução de desafios relacionados à desigualdade, à regeneração urbana, à sustentabilidade, ao turismo cultural e ao desenvolvimento territorial, principalmente após a capilarização de estudos de caso sobre estratégias adotadas na Europa Ocidental nos anos 1990 sobre os primeiros territórios criativos e culturais (Zarlenga; Ulldemolins; Morató, 2016; Chapain; Sagot-Duvauroux, 2020; Carrizo, 2021).

Atualmente há uma variedade de territórios criativos e culturais espalhados pelo mundo, com diferentes formatos, objetivos e nomenclaturas, porém todos atuam para promover o desenvolvimento sustentável de um dado espaço geográfico por meio da economia criativa (De Bernard; Comunian; Gross, 2022; Chapain; Sagot-Duvauroux, 2020; Boswinkel; Van Meerkerk, 2023; Teixeira *et al.*, 2023).

Territórios criativos e culturais atraem talentos, estimulam a diversidade, respeitam a inovação, geram novos negócios criativos e culturais, criam empregos, renda e impacto social e fortalecem a conexão entre os atores do ecossistema criativo (Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018).

Estão associados, todavia, também à gentrificação, à comodificação da cultura e à homogeneização dos bens criativos e culturais, não sendo clara a relação positiva, ou negativa, entre o estabelecimento de territórios criativos e culturais e o fortalecimento da identidade cultural local (Sonn *et al.*, 2017; Jocić, 2020; Michel, 2021).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo compreender a relação entre a criação e manutenção de territórios criativos e culturais e o fortalecimento e preservação da identidade cultural local. Para tal, foi realizada uma revisão integrativa a fim de estabelecer quais os impactos positivos e negativos de um território criativo e cultural sob a ótica da identidade cultural, além de identificar as funções intrínsecas ao fortalecimento e preservação da identidade local.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o ano de 2010 há um movimento para encapsular diversas taxonomias que abrangem o desenvolvimento territorial a partir da economia criativa em um único conceito, o que levou ao surgimento da definição de territórios criativos e culturais como espaços geográficos e habitats de inovação em simultâneo que utilizam a economia criativa, a cultura e a inovação como molas propulsoras do desenvolvimento territorial, conceito esse que também passa a ser identificado em políticas públicas e legislações de incentivo ao redor do globo (Aubry; Blein; Vivant, 2014; Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018; Chapain; Sagot-Duvauroux, 2020).

Sejam *clusters*, distritos, bairros, *hubs* ou ecossistemas, o que assemelha todas essas terminologias é: a presença significativa de empresas dos setores criativos e culturais, ocorrência de atividade cultural e a ênfase em promover o desenvolvimento do território nos aspectos econômicos, sociais e culturais por meio da economia criativa, embora cada taxonomia tenha características distintivas que marcam traços de singularidade (Mommaas, 2004; Mercado Celis, 2016; Corte *et al.*, 2018; Pourzakarya; Bahramjerdi, 2019; Garza-Rodríguez, 2019; Darchen; Simon, 2022).

Emmendoerfer e Ashton (2014) trazem que os territórios podem ser: micro, um edifício, rua, avenida, bairro ou vila, como o *Temple Bar* em Dublin (Montgomery, 1995, 2003, 2004); meso, um conjunto de bairros, zoneamentos, ou até mesmo a totalidade da cidade, como no *distrito de las artes*, em Buenos Aires (Thomasz, 2016); ou macro, neste caso, conjunto de cidades, como no caso dos distritos culturais italianos (Francesconi; Dossena, 2016).

Cabe destacar que este trabalho define identidade cultural local como as atitudes, crenças, valores, práticas, tradições, ritos, costumes e maneiras de viver que são comuns ou compartilhadas por um determinado grupo, estando presente no patrimônio, na geografia, na história, na arquitetura, no estilo de vida, nas memórias e nos relatos de um determinado território, servindo, inclusive, como insumos para os bens criativos e culturais desenvolvidos naquele espaço geográfico (Montgomery, 1995; Throsby, 2001; Garza-Rodríguez; Roca; Villares, 2020).

METODOLOGIA

Tendo em vista o objetivo descrito anteriormente, foi realizada uma revisão integrativa (Verbeek *et al.*, 2002; Paul; Criado, 2020) para compreender como a produção científica aborda o fortalecimento da identidade cultural local por meio do estabelecimento dos territórios criativos e culturais. A revisão foi conduzida baseada nos procedimentos de Torracó (2005) e Whitemore e Knafl (2005). A *string* utilizada para procurar publicações a partir dos títulos, palavras-chaves e resumos em 2024, é descrita a seguir:

- (“Creative territories” OR “Creative territory” OR “Cultural territories” OR “Cultural territory” OR “Creative districts” OR “Creative district” OR “Cultural districts” OR “Cultural district” OR “Creative quarter” OR “Creative quarters” OR “Cultural quarter” OR “Cultural quarters” OR “Artistic zone” OR “Artistic zones” OR “Creative neighborhood” OR “Creative neighborhoods” OR “Cultural neighborhood” OR “Cultural neighborhoods” OR “Creative hubs” OR “Creative hub” OR “Cultural hubs” OR “Cultural hub” OR “Creative cluster” OR “Creative clusters” OR “Cultural cluster” OR “Cultural clusters” OR “Creative ecosystem” OR “Creative ecosystems”).

A *string* foi empregada nas bases *Scopus*, *Ebsco* e *Web of Science* que foram escolhidas pelo caráter multidisciplinar, quantitativo de fontes relevantes, presença de publicações indexadas com bons índices de quartil e Fator de Impacto, fato corroborado pelo artigo de revisão conduzido por Chapain e Sagot-Duvaurox (2020). É importante salientar que, a fim de ampliar o número de termos análogos a “creative territories”, foram utilizados dois *websites* de vocábulos controlados: *European Union Terminology* e *Unesco Thesaurus*. Houve *strings* anteriores que foram modificadas até a versão final a partir da leitura de artigos de revisão encontrados nestes *corpus* iniciais.

Após a junção das bases pesquisadas em uma planilha única e eliminação das redundâncias, a *string* usada retornou um total de 1.254 documentos. Nesta primeira etapa não foram aplicados critérios de exclusão; foram mantidos todos os artigos independentemente do ano de publicação, origem, tipo de documento ou idioma, para compreender a totalidade dos insumos encontrados.

Na sequência foi realizada uma inspeção a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave para selecionar apenas os documentos com ligação direta com a temática de territórios criativos e culturais, resultando em um *corpus* pós-inspeção de 323 documentos.

Em seguida foi conduzida uma leitura em profundidade de cada documento, quando foram aplicados os seguintes critérios de exclusão: i) artigos que eram concentrados apenas em intervenções artísticas; e ii) artigos que não tinham como objeto de estudo principal o território criativo e seus desdobramentos para a sociedade.

Como resultado, o *corpus* permaneceu com 187 documentos. Em adição, foi utilizado o método “*snowball*” para inserir artigos e publicações consideradas seminais, que não foram identificadas nas bases de dados. Assim, foram adicionados 9 documentos, resultando em um *corpus* final de 196 documentos. O Quadro 1 traz os números de cada etapa da revisão.

Quadro 1 – Dados da revisão integrativa

	<i>Scopus</i>	<i>Web of Science</i>	<i>EBSCO</i>
Sem filtro	7.255	839	806
Filtro a partir do título, resumo e palavras-chave	1.300	807	685
Artigos de pesquisa e revisão	981	724	580
Total	2.285		
Total sem duplicados	1.254		
Após inspeção	323		
Após leitura em profundidade	187		
Após adição “ <i>snowball</i> ”	196		

Fonte: Os autores.

A partir do *corpus* final foram realizadas as seguintes análises: i) clusterização e categorização dos principais benefícios que os territórios criativos e culturais proporcionam para a identidade cultural local; ii) clusterização e categorização dos principais impactos negativos para a identidade cultural local decorrentes do estabelecimento de territórios criativos e culturais; e iii) identificação das funções essenciais que um território criativo deve executar a fim de fortalecer a identidade cultural local.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Benefícios dos Territórios Criativos e Culturais para a Identidade Cultural Local

Após a realização da revisão integrativa, foram identificados os principais benefícios que territórios criativos e culturais podem proporcionar visando o fortalecimento da identidade cultural regional. O Quadro 2 traz a frequência com que esses benefícios aparecem dentro dos documentos presentes no *corpus*.

Quadro 2 – Benefícios

Categorias	Benefício	Frequência
Identidade cultural	Novo <i>branding</i> local	24
	Criação de políticas culturais focadas no território	10
	Popularização da arte contemporânea e de novas expressões culturais	8
	Transferência de conhecimento tácito	7
	Sentimento de pertencimento coletivo	7
Desenvolvimento sustentável	Fomento ao desenvolvimento sustentável	17
	Inclusão social	15
	Redução da criminalidade no território	9
	Diminuição das taxas de pobreza	2
Pessoas	Melhoria na qualidade de vida local	14
	Atração de artistas/ talentos	12
	Acumulação de capital social/humano	10
	Aumento na oferta de empregos	10
	Retenção de talentos	8
	Repovoamento do território	6

Fonte: Os autores.

Foram identificados, na literatura, 15 benefícios diretos que foram categorizados em 3 grupos (identidade cultural; desenvolvimento sustentável; e pessoas).

O primeiro agrupamento compreende o cerne sobre identidade cultural. Essa categoria abriga os benefícios que influem no capital cultural local, além do desenvolvimento de novas habilidades vindas do exercício coletivo de estar no território criativo.

O principal benefício catalogado na literatura é o desenvolvimento de um novo *branding* local que esteja compreendido entre o *mainstream* e a atmosfera alternativa, inclusive capitalizando o glamour advindo da presença de equipamentos culturais e de artistas (McManus; Carruthers, 2014; Aubry; Blein; Vivant, 2014). Esse novo *branding* permite capturar o capital simbólico presente no espaço, o sentimento de pertença dos envolvidos e o *soft power* que deseja ser transmitido (Zukin; Braslow, 2011; Rich; Tsitsos, 2016).

Para a construção do novo *branding* a mídia é crucial para maximizar a reputação do território a partir da cultura, podendo ser usadas tanto mídias alternativas quanto de massa (Zukin; Braslow, 2011; Park, 2016). Noonan (2013) destaca que esse novo *branding* busca atrair recursos externos, como turistas, novos negócios, residentes e recursos financeiros de ordem pública, ou desenvolver os pontos fortes locais para impedir a saída de talentos e moradores, criando, assim, novos meios de apoio à cultura independente do espaço geográfico.

Em prol de criar um terreno fértil e que retroalimenta esse *branding* cultural, Pasolar e Hallowell (2019) expõem que certos territórios criativos e culturais se formam em torno de universidades, onde os setores criativos são beneficiados pela pesquisa, pelas novas patentes e pelo intercâmbio de conhecimento, como é o exemplo do *Quartier de la création* em Nantes,

França, que atraiu as faculdades de belas artes, *design*, arquitetura e correlatos para as dependências do distrito criativo, fato evidenciado por Lorente e García (2021)

O novo *branding* e a nova organização espacial e econômica em decorrência do território criativo, também acarretam efeitos secundários que aparecem na literatura do *corpus* como outros benefícios, tais como: desenvolvimento e popularização da arte contemporânea e de novas expressões culturais (Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018; Hriptulov; Gnezdova, 2018; Gasparin; Quinn, 2021; Kim, 2023) e transferência de conhecimento tácito (O'Connor; Gu, 2014; Viganì; England; Comunian, 2023).

Colavitti e Usai (2020) afirmam que há um crescimento natural para a inovação quando territórios são reconfigurados para um ambiente baseado na cultura e no conhecimento devido a uma expansão de experiências individuais e possibilidades de alternativas. Em meio ao aumento de novos conhecimentos e a atração de novos criativos, há, como consequência, a preservação do patrimônio e da identidade cultural (Chung; Lee, 2023; Chang; Feng, 2023), e o surgimento do ativismo devido aos novos padrões de ação artística e política (Ulldemolins; Klein, 2022).

Sobre a transferência de conhecimento tácito, é importante salientar que isso acontece por meio de aprendizagem coletiva e informal e pelo acesso facilitado a fornecedores especializados e recursos humanos qualificados, promovendo a transferência de competências e informações além de melhorar a produtividade e a competitividade das empresas oriundas dos setores criativos e culturais presentes no território (Bialic-Davendra *et al.*, 2016; Danko; Bednář; Matošková, 2017).

Essas trocas informais de conhecimento podem acontecer dentro de bares, cafés, clubes, espaços de trabalho compartilhados, *habitats* de inovação, como incubadoras e aceleradoras, ou seja, locais que facilitam o *networking* rápido, a troca de conhecimento e a oportunidade de geração de novos negócios (Evans, 2019).

Outro benefício presente nesta categoria é a criação de políticas culturais territoriais a partir de macropolíticas culturais (Sonn *et al.*, 2017; Niu *et al.*, 2018), tendo a possibilidade de subsídios cruzados e apoio governamental que permitam rendas mais baratas e outros benefícios para as pequenas empresas e empreendedores solo (O'Connor; Gu, 2014; Mackiewicz; Namyślak, 2021).

Para finalizar esta categoria foi identificado como benefício o sentimento de pertencimento coletivo (Rich; Tsitsos, 2016; Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018), que é construído a partir do novo *branding* e da identificação dos participantes com esse posicionamento (Durmaz, 2015; Samir, 2019), provocando, inclusive, níveis mais elevados de cidadania local e regional (Stern; Seifert, 2010).

Outro grupo de benefícios identificados são aqueles relacionados ao desenvolvimento sustentável, posto que o fomento em si do desenvolvimento sustentável possui a maior frequência entre os demais benefícios desta categoria.

Sepe (2003, 2013) já tinha estabelecido que territórios criativos e culturais permitem a construção de redes de apoio ao desenvolvimento sustentável a partir da observação dos distritos culturais italianos. Sacco, Blessi e Nucci (2009) propõem quatro conjuntos de drivers que fomentam o desenvolvimento sustentável em territórios criativos e culturais: i) social, que inclui o gerenciamento de criticidades sociais, capacitação, educação da comunidade local e

desenvolvimento da comunidade local; ii) qualidade, que avalia a oferta cultural, a governança local e a produção de conhecimento; iii) desenvolvimento, que traz o empreendedorismo local e o desenvolvimento de talentos locais; e iv) atração, que consiste em atrair tanto empreendimentos e organizações externas quanto talentos externos.

Em suas respectivas pesquisas, Fanzini, Bergamini e Rotaru (2013), Niu *et al.* (2018) e Sabatini (2019) salientam as dimensões culturais e políticas trazidas pela efetivação do território criativo e criam um quarto pilar, a cultura, que se interconecta de forma clara com os três pilares basilares da sustentabilidade (social, ambiental e financeiro). Nos territórios, por meio da produção de bens culturais e criativos tangíveis e intangíveis, há o desenvolvimento e a disseminação do mérito artístico, alinhado ao impacto social, expresso na transmissão da cultura local, na equidade, na diversidade e tolerância e no avanço do bem-estar (i) material, assim como existe a presença da sustentabilidade ambiental garantida pelo uso de meios de produção sustentáveis e uma relação equilibrada com o meio ambiente (Niu *et al.*, 2018; Sabatini, 2019).

Um dos pilares do desenvolvimento sustentável é o impacto social positivo. Também aparece como benefício, nessa categoria, a inclusão social em decorrência dos territórios criativos e culturais (Gornostaeva; Campbell, 2012; Ulldemolins; Klein, 2022). Strom (2020), e Gasparin e Quinn (2021) trazem que a cultura e a criatividade são fundamentais para a inovação social, permitindo, assim, a inclusão de grupos marginalizados ou em locais fora das grandes cidades.

Danko, Bednář e Matošková (2017) afirmam que a inclusão social nos territórios criativos e culturais pode ser mediada por meio de projetos colaborativos, desenvolvimento de recursos humanos, *networking*, internacionalização, programas de educação cultural e eventos sociais em espaços públicos, tais como festivais, *workshops*, *showrooms* e exposições.

Um exemplo notório presente no *corpus* é o caso de *Sava Mala Quarter*, localizado na capital sérvia. A inclusão social deu-se pelo desenvolvimento de projetos sociais para dar dignidade àqueles que ali residiam, principalmente os que estavam em situação de vulnerabilidade. Entre os exemplos positivos deste território criativo tem-se: fortalecimento de centros comunitários e de exposição; realização de *workshops* para artistas de ruas, jovens criativos e desempregados; criação de cozinhas de guerrilha que funcionam como programas sociais e que integram a comunidade, pessoas em situação de rua e os menos favorecidos; projetos de jardineiros de guerrilha, quando moradores locais são engajados como voluntários a partir do apoio da Prefeitura a fim de promoverem melhorias na comunidade; e habitações sociais feitas com elementos locais (Lazarević; Koružnjak; Devetaković, 2016).

Hriptulov e Gnezdova (2018) apontam como benefícios secundários intangíveis da inclusão social proporcionada pelos territórios criativos e culturais: o surgimento de movimentos voluntários; a formação de uma educação cultural e criativa; o desenvolvimento de responsabilidade por suas ações entre os jovens e a formação de comunidade. Outros dois benefícios secundários da inclusão social aparecem também nesta categoria: a redução da criminalidade no território, aumentando, assim, a sensação de segurança (McCarthy, 2005a,b; Carrizo, 2023); e a diminuição das taxas de pobreza, evitando, igualmente, o deslocamento étnico (Stern; Seifert, 2010; Lazarević; Koružnjak; Devetaković, 2016).

Por fim, há o componente pessoas, sejam elas moradores, empreendedores, artistas, trabalhadores ou visitantes. O principal benefício listado, que também é um reflexo do

desenvolvimento sustentável, é o aumento da qualidade de vida local, impulsionada pelas novas amenidades do território como um todo (Portillo; Wagner, 2021; Casadei *et al.*, 2023).

Com uma melhor proposição de qualidade de vida, mais talentos e artistas são atraídos e retidos (Agustí, 2014; Sonn *et al.*, 2017; Colavitti; Usai, 2020 ; Rezaeian; Esmailpoor, 2022), o território é repovoado (Rushton, 2015; Gregory, 2016) e é formada uma acumulação de capital social/humano de alta qualidade (He; Gebhardt, 2014 ; Chang; Feng, 2023).

Florida (2002) afirma que uma série de amenidades e facilidades atraem e retêm a classe criativa, e a partir do momento em que elas ocupam aquele local impera um conjunto de transformações sociais. Por sua vez, as comunidades criativas formadas atraem empreendedores criativos por meio de equipamentos culturais, cinemas, cafés e restaurantes, espaços culturais, eventos e mercados de produção, criando, assim, um círculo virtuoso de atração, retenção e repovoamento com consequências diretas para o espaço geográfico.

É importante notar que a proximidade geográfica invariavelmente gera relações de confiança entre os envolvidos, produzindo resultados frutíferos, novas externalidades e sinergias criativas que potencializam o fazer criativo, ou seja, a partir de que um mesmo território reúne artistas, criativos e empreendedores que se conectam e trocam conhecimento e informações, é facilitada a construção de capital social (Kong, 2012; Boswinkel; Van Meerkerk, 2023).

Ainda nesta categoria, há o benefício do aumento de oferta de empregos, por exemplo, evidenciado por Breznitz e Noonan (2014), que, após uma pesquisa nos distritos culturais estadunidenses, comprovaram a geração de empregos nas cultura e na mídia em decorrência da presença destes territórios criativos e culturais. Salienta-se que os empregos gerados são de alta qualidade com bons salários atrelados (Niu *et al.*, 2018; Casadei *et al.*, 2023), o que ajuda também na fixação de novas rendas no espaço geográfico (McCarthy, 2005a,b).

Impactos negativos dos Territórios Criativos e Culturais para a Identidade Cultural

Seguindo com os achados da revisão integrativa, além dos benefícios há os impactos negativos que territórios criativos e culturais podem acarretar à identidade cultural local em decorrência de sua respectiva instalação. O Quadro 3 captura a frequência com que esses impactos negativos aparecem no *corpus* pesquisado.

Quadro 3 – Impactos negativos

Categoria	Impacto negativo	Frequência
Transformação social negativa	Gentrificação	32
	Turistificação e <i>overtourism</i>	9
	Higienização do espaço urbano	9
Transformação cultural negativa	Homogeneização cultural	10
	Instrumentalização da cultura	9
	Commodificação	9
	Foco na produção de “alta cultura”	5
	Cultura do consumo	5

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os impactos negativos foram categorizados em dois grandes grupos: transformação social negativa e transformação cultural negativa. No primeiro grupo há os impactos relacionados às mudanças sociogeográficas em decorrência da instalação do território criativo, que, por sua vez, alimentam o segundo grupo, pois alimentam a alteração da relação da cultura com o território, causando mudanças na identidade cultural e nos bens criativos produzidos naquele espaço.

No primeiro grupo o impacto negativo com maior frequência é a gentrificação, que pode ser conceituada como uma manifestação social e espacial de processos de mudança de vizinhança que podem ser observadas e mensuradas pelo reinvestimento de capital, pela atualização social do espaço geográfico, pelas mudanças na paisagem e nas perspectivas e pela substituição de grupos de baixa renda por grupos ricos ou de classe média (Kan, 2020; Jocić, 2020).

Nos anos 1980 Zukin (1982) foi pioneira ao afirmar que as atividades culturais e os artistas são utilizados como vanguarda para a gentrificação, após analisar as transformações que aconteceram em *Lower Manhattan* nas décadas anteriores, à medida que a classe criativa ia ocupando os *lofts* da região. Avançando nos estudos anos depois, foi constatado que a presença dos artistas, criativos e empresas dos setores criativos e culturais passam a atrair residentes não criativos e com maior poder aquisitivo devido ao estilo de vida proposto, criando um movimento de aumento dos preços locais até o ponto que os representantes da economia criativa se retiram por não conseguirem acompanhar as mudanças sociais e econômicas, dando origem, assim, a um espaço gentrificado e com a identidade cultural alterada (Zukin; Braslow, 2011). Este ciclo também foi evidenciado nas pesquisas de Bereitschaft (2014), Rich e Tsitsos (2016), e Hartley (2018).

McCarthy (2005a,b) e Montgomery (2003, 2004) argumentam que as mudanças, principalmente as ligadas às melhorias de infraestrutura, são realizadas em prol da melhoria da qualidade de vida local, porém, pela ausência de mediação e contrapontos, os residentes iniciais não conseguem acompanhar a especulação monetária, principalmente o aumento dos preços dos aluguéis (Marková, 2014).

Boswinkel e Van Meerkerk (2023) e Jocić (2020) vão além e colocam a gentrificação muitas vezes como o objetivo de determinadas políticas públicas culturais para poder recuperar áreas abandonadas ou degradadas, sendo intencional os resultados sociais e estruturais que acontecem. O principal problema destas políticas públicas é que elas não conseguem enxergar a identidade cultural local e incorporar as complexidades da economia criativa, passando a focar quase exclusivamente em consumo e serviços, o que, ao final, também provocará a expulsão dos criativos, artistas e empreendedores (Mercado Celis, 2016).

Egedy e Smith (2016) afirmam que sempre haverá gentrificação em territórios criativos e culturais, seja naqueles formados com intensa participação popular, como o *Sava mala Quarter*, em Belgrado, Sérvia (Lazarević; Koružnjak; Devetaković, 2016), seja nos resultantes de políticas estatais, como no cluster M50, em Xangai, na China (Ning; Chang, 2022) ou naqueles oriundos de parcerias público-privadas, como o *RiNo Art District*, em Denver, Estados Unidos (Polson, 2024), ou, ainda, nas iniciativas totalmente privadas, como o *hub* criativo em Bomontiada, Istambul, Turquia (Mert-Travlos, 2021).

O que deve ser feito é buscar minimizar os efeitos da gentrificação para evitar a erosão social a tal ponto que imploda o território criativo, como trazido por Sonn *et al.* (2017). É necessário uma ação conjunta de políticas públicas e da iniciativa privada, das governanças

fortes e bem-estruturadas, com foco no desenvolvimento sustentável, na preservação da identidade cultural e na articulação institucional com os atores locais, a fim de garantir meios para que os criativos, artistas e empreendedores criativos consigam permanecer no território (Rich; Tsitsos, 2016; Kim, 2023).

Ainda na categoria de transformação social, há um impacto negativo que tem ganhado os holofotes na última década e também está associado à gentrificação – o processo de turistificação e *overtourism* (Michel, 2021; Ulldemolins; Klein, 2022).

Há críticas na literatura sobre territórios criativos e culturais que são concebidos para atrair apenas turistas, não havendo foco necessário no desenvolvimento da economia criativa, o que pode fazer o território colapsar no futuro, como no caso dos *clusters* criativos chineses (He; Gebhardt, 2014; Sonn *et al.*, 2017).

Pappalepore, Maitland e Smith (2014) mencionam que o turismo em si é um força moldadora dos espaços, uma vez que o mesmo pode mudar drasticamente as experiências profundas do lugar. O incentivo ao turismo, portanto, precisa ser devidamente planejado para não criar enclaves turísticos que afastem os residentes, os criativos e as empresas dos setores criativos e culturais (Pappalepore; Maitland; Smith, 2014; Egedy; Smith, 2016).

O foco excessivo no turista, sem estratégias claras do território criativo, é contraproducente devido ao número excessivo de visitantes, podendo provocar a presença em demasiada de serviços que a população local não consome, a sobrecarga das estruturas logísticas existentes, a especulação imobiliária, a redução de oferta de moradia para os locais, preços incompatíveis com os residentes, ou até mesmo a cristalização do espaço no tempo, que impede mudanças culturais, para que os turistas possam experimentar o turismo de outras maneiras (Padovani, 2019; Colavitti; Usai, 2020).

Por fim, nesta categoria há o que é denominado de higienização dos espaços urbanos, ou seja, o uso do território criativo para acentuar os processos de desigualdade social e econômico, separando ricos e pobres, criando um cenário em que os residentes iniciais não se sentem mais pertencentes àquela realidade (Porter; Barber, 2007; Francesconi; Dossena, 2016). Além disso, segundo Raco e Gilliam (2012), diversas culturas e formas de criatividade são ativamente minadas à medida que o território é repovoado, e os novos residentes impõem suas próprias visões sobre o que é a cultura e como ela deve ser utilizada pelo mercado.

A segunda categoria de impactos negativos corresponde às transformações culturais negativas. Entre estes impactos o mais encontrado na literatura do *corpus* é a homogeneização cultural, originada pela padronização das experiências de lazer acima da cultura (Sepe, 2018; Michel, 2021). Essa homogeneização acarreta impactos negativos secundários que também foram encontrados no *corpus*, por exemplo: a commodificação, o foco na produção de “alta cultura” e o incentivo à cultura do consumo.

A commodificação provoca a substituição da cultura local devido à tentativa de reproduzir o que acontece em outros territórios criativos e culturais, podendo desfazer o *branding* local associado ao espaço devido à perda de autenticidade que diferenciava outrora os bens criativos e culturais daquele espaço (Raco; Gilliam, 2012; Sonn *et al.*, 2017).

O foco na produção de “alta cultura” acontece quando a orientação da governança do território criativo é mirar nos estratos mais altos das camadas sociais, criando produtos apenas para esta fatia da sociedade, excluindo outras populações, criando um sentimento de “nós” e

“eles”, e retirando indiretamente do mercado pequenas e médias empresas que não ofertam estes bens criativos e culturais e que poderiam estar compartilhando as benesses do território criativo (Egedy; Smith, 2016; Pourzakarya; Bahramjerdi, 2019).

Já o incentivo a uma cultura do consumo banaliza as atividades culturais diárias, além de aumentar o privilégio e a exclusão, reforçando, novamente, o sentimento de “nós” e “eles” (Kumer, 2020; Issarathumnoon, 2022).

Para finalizar o rol de impactos negativos identificados no *corpus*, tem-se a instrumentalização da cultura (Park, 2016; Niu *et al.*, 2018). Aqui os autores fazem uma crítica de como o multiculturalismo e o apoio à economia criativa podem ser cooptados para apenas controlar a identidade e ações de um dado lugar, por meio de uma valorização artificial do território criativo. A cultura e a criatividade passam a ser meramente ferramentas decorativas de *marketing*, ou até mesmo serem uma fachada para que o patrimônio público seja lentamente substituído (Mommaas, 2004; Egedy; Smith, 2016; Ulldemolins; Klein, 2022).

Lembra-se que este pode ser um impacto negativo contornado a partir de uma forte articulação institucional dos atores do território e uma governança forte conectada com os anseios de todos, evitando, assim, a construção de elefantes brancos ou territórios criativos e culturais sem materialidade, existindo apenas em leis e redes sociais (Hartley, 2018).

Funções em prol da Identidade Cultural Local

Certos pesquisadores tentaram, em suas respectivas pesquisas, clarificar como os territórios criativos e culturais podem auxiliar no fortalecimento da identidade cultural local, e, para tal, determinaram que funções, objetivos, atividades ou elementos eram necessários a esses habitats de inovação para alcançar tal fortalecimento.

Montgomery (2003) e Roodhouse e Mokre (2004) afirmam que entre as atividades indispensáveis para o funcionamento de um território criativo e que possui conexão com a identidade cultural, estão: disponibilização de espaços de compartilhamento e de suporte para as atividades dos setores criativos presentes no território; promoção de uma agenda cultural unificada; criação de locais culturais em diversas escalas, incluindo pequenos e médios; realização de festivais e eventos; e promoção de iniciativas comunitárias.

Já Mommaas (2004) propõe entre as atividades essenciais: fortalecer o *branding*; estimular um ambiente mais empreendedor para o ambiente das artes e cultura; e estimular a diversidade e democracia cultural.

Murzyn-Kupisz (2012), a partir de seu trabalho junto aos *cluster* culturais de Cracóvia, na Polônia, traz indicadores de avaliação conectados ao fortalecimento da identidade cultural regional, sendo eles: número de espaços culturais; número de infraestrutura pública para o fazer criativo; quantidade e qualidade dos eventos culturais, projetos artísticos e festivais no espaço geográfico; disponibilidade de espaços de trabalho para artistas e produtores culturais de baixo custo; presença no território de organizações de apoio à cultura e instituições de educação cultural; e presença de capital simbólico.

Entre as seis funções essenciais que Fanzini, Bergamini e Rotaru (2013) argumentam que são essenciais para que um território criativo possa operacionalizar sua existência, duas delas estão conectadas à identidade cultural local: a função cultural, que consiste na criação

de um ambiente que valorize a cultura local e a criatividade; e a função educacional, focada na preparação dos futuros talentos necessários para manter o espaço no futuro.

Sacco *et al.* (2013) e Ferilli, Gustafsson e Sacco (2017) afirmam que há 12 pilares fundamentais em um território criativo; entre estes é possível verificar que quatro são diretamente conectados ao fortalecimento da identidade cultural local, sendo eles: oferta cultural; gestão de criticidades sociais; capacitação e educação da comunidade local; e envolvimento da comunidade local.

Bain e Landau (2019, 2022), ao proporem uma metodologia de avaliação, organizam as funções essenciais de um território criativo e cultural em cinco pilares, sendo possível identificar a conexão entre estes e o fortalecimento da identidade cultural em quatro destes: i) pilar político, por meio das categorias participação popular na política cultural, organizações de defesa da cultura e identificação do fomento nos planos culturais; ii) pilar organizacional, nas categorias de produção cultural e consumo cultural; iii) pilar social, nas categorias de avaliação denominadas por identidade local e *branding*, animação cultural por meio de festivais e eventos e desenvolvimento da área do território; e iv) pilar do efêmero – neste pilar as categorias que abordam o fortalecimento da identidade local são fluxo de pedestres e vidas nas ruas, arte pública, grafite e protesto (ativismo).

A partir de 2013 a *Global Cultural Districts Network* (GCDN) iniciou um debate com os tomadores de decisão dos entes associados, gerando um modelo intelectual que baseia quatro áreas fundamentais, que, por sua vez, se desdobram em 14 temas, que, segundo a organização, são essenciais para o desenvolvimento territorial por meio da cultura. Entre esses há um conjunto de temas que possibilitam o fortalecimento da identidade cultural, que são: equidade e inclusão; habilidades; bem-estar cívico e desenvolvimento comunitário; e desenvolvimento sustentável, turismo e crescimento equitativo (GCDN, 2024)

A partir dos achados do *corpus*, é possível traçar funções e/ou atividades que precisam estar presentes no funcionamento de um território criativo a fim de garantir o fortalecimento e a preservação da identidade cultural local.

A primeira destas funções/atividades é o que é compreendido como *branding*. O objetivo é fortalecer a identidade local e cultural, valorizando o capital simbólico presente na região, criando uma “marca” local. Ao explorar os elementos únicos que representam a história, os valores e as expressões culturais do território, o *branding* permite agregar valor ao território, transformando-o em um polo atrativo e autêntico, capaz de promover seu capital simbólico e cultural de forma eficaz e sustentável (Mommaas, 2004; Sacco; Blessi; Nucci, 2009; Murzyn-Kupisz, 2012 ; Bain; Landau 2019, 2022).

Na sequência tem-se o que será denominado de equipamentos culturais, que possui como objetivo garantir a oferta cultural e a diversidade de equipamentos culturais, proporcionando, também, espaços dedicados à realização de eventos, projetos artísticos e festivais para enriquecer a vida cultural local. Por meio desta função é possível garantir a animação cultural e o engajamento da comunidade e dos visitantes, consolidando o território como um espaço vibrante e de fruição cultural (Sacco; Blessi; Nucci, 2009; Murzyn-Kupisz, 2012 ; Lauderbach, 2012; Sacco *et al.*, 2013; Bain; Landau, 2019, 2022; Rezaeian; Esmailpoor, 2022).

Na função de políticas públicas, espera-se a articulação do desenvolvimento de políticas públicas que promovam a evolução do território criativo, mas também que crie mecanismos

para o fortalecimento e a preservação da identidade cultural (Stern; Seifert, 2010; Bain; Landau 2019, 2022; GCDN, 2024).

No envolvimento da comunidade o objetivo é gerir as criticidades sociais e o fomento ao desenvolvimento integral da população, assegurando que haja minimização dos efeitos da possível gentrificação e turistificação decorrentes do estabelecimento de um território criativo. A participação ativa da comunidade no território criativo precisa ser assegurada, promovendo um ambiente colaborativo que integra os interesses locais de forma democrática. É fundamental garantir a inclusão de todos os grupos e a equidade nas decisões, promovendo um alinhamento entre as necessidades da população e os objetivos de desenvolvimento do território, de modo a criar soluções eficientes e sustentáveis para os desafios sociais e culturais enfrentados (Sacco; Blessi; Nucci, 2009; Sacco *et al.*, 2013; Bain; Landau, 2019, 2022; GCDN, 2024).

A função geração de talento é vital para a perpetuidade do próprio território criativo e para a preservação da identidade cultural local. Envolve a capacitação e a educação da comunidade local, fortalecendo os talentos locais que alimentarão o território. A articulação com instituições de ensino em todos os níveis é central nesse processo, promovendo a integração entre ensino e prática e garantindo a continuidade da diversidade cultural no território (Sacco; Blessi; Nucci, 2009; Murzyn-Kupisz, 2012 ; Sacco *et al.*, 2013; Fanzini, Bergamini; Rotaru, 2013; Corte *et al.*, 2018; Emmendoerfer; Fioravante; Araújo, 2018; Rezaeian; Esmailpoor, 2022, GCDN, 2024).

CONCLUSÃO

O presente trabalho alcançou seu objetivo inicial de demonstrar a relação entre a efetivação e manutenção de territórios criativos e culturais e o fortalecimento e preservação da identidade cultural local a partir de uma revisão integrativa.

Foi possível identificar que os principais benefícios dos territórios criativos e culturais para a identidade cultural local são: formação de um *branding* local; criação de políticas culturais focadas no território; popularização da arte contemporânea e de novas expressões culturais; transferência de conhecimento tácito; aumento do sentimento de pertencimento coletivo; fomento ao desenvolvimento sustentável; introdução de mecanismos de inclusão social; redução das taxas de criminalidade e de pobreza; melhoria na qualidade de vida local; atração e retenção de capital social/humano; ampliação na oferta de empregos; e repovoamento do território.

Foram identificados, todavia, impactos negativos, tais como: gentrificação, turistificação; higienização do espaço urbano; homogeneização cultural; instrumentalização da cultura; comodificação; e foco na produção de “alta cultura” e na cultura do consumo. Juntos, os pontos citados podem provocar o apagamento da identidade cultural local.

A partir dos achados do *corpus*, para minimizar os impactos negativos e maximizar os benefícios, os territórios criativos e culturais precisam possuir funções e/ou atividades claras e específicas que permitam o fortalecimento e a preservação da identidade cultural local, ligadas ao *branding*, aos equipamentos culturais, às políticas públicas, ao envolvimento da comunidade e à geração de novos talentos locais.

Para estudos futuros recomenda-se desenvolver pesquisas de campo, qualitativas ou quantitativas, cujo objetivo seja verificar se corroboram, ou não, os benefícios e os pontos

negativos listados no presente trabalho. Também é possível desenvolver *frameworks* baseados nas funções citadas nesta conclusão.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001. Os autores agradecem à Capes por apoiar financeiramente este trabalho mediante a bolsa Capes/Proex.

REFERÊNCIAS

- AUBRY, Anna; BLEIN, Alexandre; VIVANT, Elsa. The promotion of creative industries as a tool for urban planning: the case of the Territoire de la culture et de la création in Paris Region. *International Journal of Cultural Policy*, v. 21, n. 2, p. 121-138, 2014.
- AGUSTÍ, Daniel Paül I. Repercusiones inesperadas de una transformación urbana ralentizada por la crisis. El retorno de los artistas al distrito creativo 22@ Barcelona. *Cuadernos Geograficos*, v. 53, n. 2, p. 87-102, 2014.
- BAIN, Alison L.; LANDAU, Friederike. Assessing the local embeddedness dynamics of the Baumwollspinnerei cultural quarter in Leipzig: introducing the POSES Star Framework. *European Planning Studies*, v. 27, n. 8, p. 1.564-1.586, 2019.
- BAIN, Alison L.; LANDAU, Friederike. Generationing cultural quarters: the temporal embeddedness of relational places. *Urban Geography*, v. 43, n. 10, p. 1.610-1.637, 2022.
- BEREITSCHAFT, Bradley. Neighbourhood change among creative – cultural districts in mid-sized US metropolitan areas, 2000-10. *Regional Studies, Regional Science*, v. 1, n. 1, p. 158-183, 2014.
- BIALIC-DAVENDRA, Magdalena *et al.* Creative clusters in Visegrad countries: Factors conditioning cluster establishment and development. *Bulletin of Geography. Socio-Economic Series*, n. 32, p. 33-47, 2016.
- BOSWINKEL, Koen; VAN MEERKERK, Edwin. Creative hubs: an anomaly in cultural policy? *International Journal of Cultural Policy*, v. 29, n. 6, p. 767-785, 2023.
- BREZNITZ, Shiri M.; NOONAN, Douglas S. Arts districts, universities, and the rise of digital media. *The Journal of Technology Transfer*, v. 39, p. 594-615, 2014.
- CARRIZO, Jennifer García. Regeneración urbana mediante industrias culturales y creativas: El caso de Digbeth (Reino Unido), un espacio para vivir, trabajar y disfrutar. *Arte y Ciudad: Revista de Investigación*, n. 19, p. 121-152, 2021.
- CARRIZO, Jennifer García. La diversidad y los usos mixtos en los entornos culturales y creativos como impulsores de la participación ciudadana y la sostenibilidad: análisis del St. George's Cultural Quarter (Leicester, Reino Unido). *Arte y ciudad: Revista de Investigación*, n. 23, p. 71-110, 2023.
- CASADEI, Patrizia *et al.* Mapping the state of the art of creative cluster research: a bibliometric and thematic analysis. *European Planning Studies*, v. 31, n. 12, p. 2.531-2.551, 2023.
- CHANG, Yuan-Chieh; FENG, Liang. Micro Foundation of Cultural and Creative Clusters: The Knowledge-based View. *Journal of the Knowledge Economy*, p. 1-21, 2023.
- CHAPAIN, Caroline; SAGOT-DUVAUROUX, Dominique. Cultural and creative clusters – a systematic literature review and a renewed research agenda. *Urban Research & Practice*, v. 13, n. 3, p. 300-329, 2020.
- CHUNG, Hokyung; LEE, Jongoh. Modern Industrial Heritage as Cultural Mediation in Urban Regeneration: A Case Study of Gunsan, Korea, and Taipei, Taiwan. *Land*, v. 12, n. 4, p. 792, 2023.
- COLAVITTI, Anna Maria; USAI, Alessia. Inside the system-wide cultural district: a new relational and organisational taxonomy of cultural districts based on the sector policies by Italian Regions (2000-2015). *City, Territory and Architecture*, v. 7, n. 1, p. 4, 2020.
- CORTE, Valentina Della *et al.* Innovation in cultural districts: the cases of Naples and Washington. In: CAPUTO, Francesco. *Governing Business Systems: Theories and Challenges for Systems Thinking in Practice*. Springer International Publishing, p. 153-166, 2018.

- CRESWELL, John W.; CRESWELL, J. David. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Penso Editora, 2021.
- DANKO, Lukáš; BEDNÁŘ, Pavel; MATOŠKOVÁ, Jana. Managers' activities within cultural and creative clusters: an essential element for cluster development in the Visegrád countries. *Creativity Studies*, v. 10, n. 1, p. 26-42, 2017.
- DARCHEN, Sébastien; SIMON, Gwendal. "Transitory urbanismo" for the creative industries in a top-down regeneration process (Nantes, France). *European Planning Studies*, v. 30, n. 10, p. 2.084-2.101, 2022.
- DE BERNARD, Manfredi; COMUNIAN, Roberta; GROSS, Jonathan. Cultural and creative ecosystems: a review of theories and methods, towards a new research agenda. *Cultural Trends*, v. 31, n. 4, p. 332-353, 2022.
- DURMAZ, S. Bahar. Analyzing the quality of place: Creative clusters in Soho and Beyoğlu. *Journal of Urban Design*, v. 20, n. 1, p. 93-124, 2015.
- EGEDY, Tamás; SMITH, Melanie Kay. Old and new residential neighbourhoods as creative hubs in Budapest. *Mitteilungen der Österreichischen Geographischen Gesellschaft*, v. 158, 2016.
- EMMENDOERFER, Magnus L.; ASHTON, Mary S. Territórios criativos e suas relações com o turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 4, n. 21/22, p. 459-68, 2014.
- EMMENDOERFER, Magnus Luiz; FIORAVANTE, Alexandre Sette Abrantes; DE ARAÚJO, Joaquim Filipe Ferraz Esteves. Ações governamentais para o desenvolvimento de territórios criativos no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 14, n. 1, 2018.
- EVANS, Graeme Lorenzo. Emergence of a digital cluster in east London: Birth of a new hybrid firm. *Competitiveness Review: An International Business Journal*, v. 29, n. 3, p. 253-266, 2019.
- FANZINI, Daniele; BERGAMINI, Isabella; ROTARU, Irina. Sustainability, culture and urban regeneration: New Dimensions for the Technological Project. *Techné – Journal of Technology for Architecture and Environment*, p. 60-65, 2013.
- FERILLI, Guido; GUSTAFSSON, Christer; SACCO, Pier Luigi. Cognitive Keynesianism: Heritage conservation as a platform for structural anti-cyclic policy. The case of the Halland Region. Sweden. *Journal of Cultural Heritage*, v. 27, p. 10-19, 2017.
- FERREIRA NETO, Amir B. The diffusion of cultural district laws across US States. *The Annals of Regional Science*, v. 67, n. 1, p. 189-210, 2021.
- FLORIDA, Richard. *The rise of the creative class*. Grand Haven, Michigan, EUA: Brilliance Audio, 2002.
- FRANCESCONI, Alberto; DOSSENA, Claudia. Learning to design cultural districts and learning from designing them. *European Planning Studies*, v. 24, n. 4, p. 704-722, 2016.
- GARZA-RODRÍGUEZ, Fabiola. Identificando clústers culturales en el centro de Monterrey. Un análisis de caso. *Contexto. Revista de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Autónoma de Nuevo León*, v. 13, n. 18, p. 41-56, 2019.
- GARZA-RODRÍGUEZ, Fabiola; ROCA, Elisabet; VILLARES, Míriam. Local culture and urban regeneration: A case study in Monterrey, Nuevo León. *Estudios demográficos y urbanos*, v. 35, n. 3, p. 761-801, 2020.
- GASPARIN, Marta; QUINN, Martin. Designing regional innovation systems in transitional economies: A creative ecosystem approach. *Growth and Change*, v. 52, n. 2, p. 621-640, 2021.
- GCDN. *Intellectual Framework*. Disponível em: <https://gcdn.net/about-us/>. 2024. Acesso em: 26 jan. 2025.
- GORNOSTAEVA, Galina; CAMPBELL, Noel. The creative underclass in the production of place: Example of Camden Town in London. *Journal of Urban Affairs*, v. 34, n. 2, p. 169-188, 2012.
- GREGORY, James J. Creative industries and urban regeneration – The Maboneng precinct, Johannesburg. *Local Economy*, v. 31, n. 1-2, p. 158-171, 2016.
- GU, Xin. Cultural industries and creative clusters in Shanghai. *City, Culture and Society*, v. 5, n. 3, p. 123-130, 2014.
- HARTLEY, Kris. Cultural policy and collaboration in Seoul's Mullaee art district. *Geoforum*, v. 97, p. 177-188, 2018.
- HE, Jin-Liao; GEBHARDT, Hans. Space of creative industries: A case study of spatial characteristics of creative clusters in Shanghai. *European planning studies*, v. 22, n. 11, p. 2.351-2.368, 2014.
- HRIPTULOV, Igor; GNEZDOVA, Julia. *Principles of Organization of Creative Clusters*. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON CULTURE, EDUCATION AND ECONOMIC DEVELOPMENT OF MODERN SOCIETY (ICCESE 2018), 2., 2018, Atlantis Press, 2018. p. 799-802.

- ISSARATHUMNOON, Wimonart. Understanding the Dynamic Creative Clustering in the Phra Athit Road Area of Bangkok. *Nakhara: Journal of Environmental Design and Planning*, v. 21, n. 3, p. 220-220, 2022.
- JOCIĆ, Nikola. Culture-led urban development vs. capital-led colonization of urban space: Savamala – end of story? *Urban Science*, v. 4, n. 3, p. 35, 2020.
- KAN, Karita. Building SoHo in Shenzhen: The territorial politics of gentrification and state making in China. *Geoforum*, v. 111, p. 1-10, 2020.
- KIM, MinKyung. Empowering local arts organizations and governance: The case of Gordon Square Arts District in Cleveland, Ohio. *City, Culture and Society*, v. 33, p. 100-115, 2023.
- KONG, Lily. Improbable art: The creative economy and sustainable cluster development in a Hong Kong industrial district. *Eurasian Geography and Economics*, v. 53, n. 2, p. 182-196, 2012.
- KUMER, Peter. Hidden geographies of social justice in an urban environment: The particularities of naturally-occurring arts districts. *European Journal of Geography*, v. 11, n. 2, 2020.
- LAUDERBACH, Martina. Effective governance to develop creative quarters: Three case studies from Germany. *Quaestiones Geographicae*, v. 31, n. 4, p. 77-86, 2012.
- LAZAREVIĆ, Eva Vaništa; KORUŽNJAK, Arch Boris; DEVETAKOVIĆ, Mirjana. Culture design-led regeneration as a tool used to regenerate deprived areas. Belgrade – The Savamala quarter; reflections on an unplanned cultural zone. *Energy and Buildings*, v. 115, p. 3-10, 2016.
- LORENTE, Jesús Pedro; GARCÍA, Natalia Juan. El Quartier de la Création en l'Île de Nantes: Antítesis del modelo Guggenheim-Bilbao? *Arte y Ciudad: Revista de Investigación*, n. 19, p. 27-56, 2021.
- MACKIEWICZ, Marta; NAMYSŁAK, Beata. Development conditions for creative clusters in Poland in view of institutional environment factors. *Growth and Change*, v. 52, n. 3, p. 1.295-1.311, 2021.
- MARKOVÁ, Blanka. Creative clusters in the Czech Republic – strategy for local development or fashionable concept? *Moravian Geographical Reports*, v. 22, n. 1, p. 44-50, 2014.
- MCCARTHY, John. Promoting image and identity in “Cultural Quarters”: The case of Dundee. *Local Economy*, v. 20, n. 3, p. 280-293, 2005a.
- MCCARTHY, John. Cultural quarters and regeneration: The case of Wolverhampton. *Planning Practice & Research*, v. 20, n. 3, p. 297-311, 2005b.
- MCMANUS, Carla; CARRUTHERS, Clare. Cultural quarters and urban regeneration – the case of Cathedral Quarter Belfast. *International Journal of Cultural Policy*, v. 20, n. 1, p. 78-98, 2014.
- MERCADO CELIS, Alejandro. Distritos creativos en la Ciudad de México en la segunda década del siglo XXI. *territorios*, n. 34, p. 183-213, 2016.
- MERT-TRAVLOS, Ceren. The duality of creative hubs in non-Western contexts: the case of Bomontiada. *Cultural Trends*, v. 30, n. 2, p. 99-121, 2021.
- MICHEL, Basile. Art, creativity, and tourism in creative quarters: trajectory and tensions of the cultural scene of the M50 art district in Shanghai. *Cybergeo: European Journal of Geography*, 2021.
- MOMMAAS, Hans. Cultural clusters and the post-industrial city: Towards the remapping of urban cultural policy. *Urban studies*, v. 41, n. 3, p. 507-532, 2004.
- MONTGOMERY, John. The story of Temple Bar: creating Dublin's cultural quarter. *Planning Practice & Research*, v. 10, n. 2, p. 135-172, 1995.
- MONTGOMERY, John. Cultural quarters as mechanisms for urban regeneration. Part 1: Conceptualising cultural quarters. *Planning, Practice & Research*, v. 18, n. 4, p. 293-306, 2003.
- MONTGOMERY, John. Cultural quarters as mechanisms for urban regeneration. Part 2: A review of four cultural quarters in the UK, Ireland and Australia. *Planning, Practice & Research*, v. 19, n. 1, p. 3-31, 2004.
- MURZYN-KUPISZ, Monika. Cultural quarters as a means of enhancing the creative capacity of Polish cities? Some evidence from Cracow. *Quaestiones Geographicae*, v. 31, n. 4, p. 63-76, 2012.
- NING, Yajing; CHANG, Tou Chaung. Production and consumption of gentrification aesthetics in Shanghai's M50. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 47, n. 1, p. 184-199, 2022.
- NIU, Shaofei et al. Sustainability issues in the industrial heritage adaptive reuse: rethinking culture-led urban regeneration through Chinese case studies. *Journal of Housing and the Built Environment*, v. 33, p. 501-518, 2018.
- NOONAN, Douglas S. How US cultural districts reshape neighbourhoods. *Cultural Trends*, v. 22, n. 3-4, p. 203-212, 2013.

- O'CONNOR, Justin; GU, Xin. Creative industry clusters in Shanghai: a success story? *International Journal of Cultural Policy*, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2014.
- PADOVANI, Florence. Tianzifang: The dilemma of urban renovation at the turn of the XXI century. *Urbanities – Journal of Urban Ethnography*, v. 9, n. 1, p. 3-20, 2019.
- PAPPALEPORE, Ilaria; MAITLAND, Robert; SMITH, Andrew. Prosuming creative urban areas. Evidence from East London. *Annals of Tourism Research*, v. 44, p. 227-240, 2014.
- PARK, Se Hoon. Can we implant an artist community? A reflection on government-led cultural districts in Korea. *Cities*, v. 56, p. 172-179, 2016.
- PASOLAR, Celen; HALLOWELL, George Dewey. A grassroots research approach for branding urban Districts. *Archnet-IJAR: International Journal of Architectural Research*, v. 13, n. 2, p. 331-348, 2019.
- PAUL, Justin; CRIADO, Alex Rialp. The art of writing literature review: What do we know and what do we need to know? *International Business Review*, v. 29, n. 4, p. 10.1717, 2020.
- POLSON, Erika. From the tag to the# hashtag: Street art, Instagram, and gentrification. *Space and Culture*, v. 27, n. 1, p. 79-93, 2024.
- PORTER, Libby; BARBER, Austin. Planning the cultural quarter in Birmingham's Eastside. *European Planning Studies*, v. 15, n. 10, p. 1.327-1.348, 2007.
- PORTELLO, Javier E.; WAGNER, Gary A. Do cultural districts spur urban revitalization: Evidence from Louisiana. *Journal of Economic Behavior & Organization*, v. 188, p. 651-673, 2021.
- POURZAKARYA, Maryam; BAHRAMJERDI, Somayeh Fadaei Nezhad. Towards developing a cultural and creative quarter: Culture-led regeneration of the historical district of Rasht Great Bazaar, Iran. *Land Use Policy*, v. 89, p. 104.218, 2019.
- RACO, Mike; GILLIAM, Katherine. Geographies of abstraction, urban entrepreneurialism, and the production of new cultural spaces: The West Kowloon Cultural District, Hong Kong. *Environment and Planning A*, v. 44, n. 6, p. 1.425-1.442, 2012.
- REZAEIAN, Fereshte; ESMAILPOOR, Najma. Planning policies for transition from historical quarters of the global city of Yazd to urban creativity, a case study: Fahadan quarter. *Journal of Cultural Heritage Management and Sustainable Development*, 2022.
- RICH, Meghan Ashlin; TSITSOS, William. Avoiding the SoHo effect'in Baltimore: Neighborhood revitalization and arts and entertainment districts. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 40, n. 4, p. 736-756, 2016.
- ROODHOUSE, Simon; MOKRE, Monika. MuseumsQuartier, Vienna: An Austrian Cultural Experiment. *International Journal of Heritage Studies*, v. 10, n. 2, p. 193-207, 2004.
- RUSHTON, Michael. Cultural districts and economic development in American cities. *Poetics*, v. 49, p. 20-29, 2015.
- SABATINI, Francesca. Culture as fourth pillar of sustainable development: perspectives for integration, paradigms of action. *European Journal of Sustainable Development*, v. 8, n. 3, p. 31-31, 2019.
- SACCO, Pier Luigi; BLESSI, Giorgio Tavano; NUCCIO, Massimiliano. Cultural policies and local planning strategies: What is the role of culture in local sustainable development? *The Journal of Arts Management, Law, and Society*, v. 39, n. 1, p. 45-64, 2009.
- SACCO, Pier Luigi *et al.* Culture as an engine of local development processes: System-wide cultural districts I: Theory. *Growth and change*, v. 44, n. 4, p. 555-570, 2013.
- SAMIR, Haitham. Applying the Cultural District Concept as an Approach for Boosting Future Development of Cairo City. *ARCHive-SR*, v. 3, n. 2, p. 160-177, 2019.
- SEPE, Marichela. The cultural district as innovative strategy for the sustainable development of the territory. *WIT Transactions on Ecology and the Environment*, v. 67, 2003.
- SEPE, Marichela. Urban history and cultural resources in urban regeneration: a case of creative waterfront renewal. *Planning Perspectives*, v. 28, n. 4, p. 595-613, 2013.
- SEPE, Marichela. *Place identity and creative district regeneration: the case of 798 in Beijing and M50 in Shanghai art zones.* 2018.
- SONN, Jung Won *et al.* A top-down creation of a cultural cluster for urban regeneration: the case of OCT Loft, Shenzhen. *Land Use Policy*, v. 69, p. 307-316, 2017.
- STERN, Mark J.; SEIFERT, Susan C. Cultural clusters: The implications of cultural assets agglomeration for neighborhood revitalization. *Journal of planning education and research*, v. 29, n. 3, p. 262-279, 2010.

STROM, Elizabeth. Revisiting the arts as a socially innovative urban development strategy. *European Planning Studies*, v. 28, n. 3, p. 475-495, 2020.

TEIXEIRA, Clarissa Stefani *et al.* Distritos criativos brasileiros: desafios e oportunidades para o futuro. In: CONFERÊNCIA ANPROTEC, 32., 2023. Salvador. *Anais [...]*. Salvador, BA: Anprotec, 2023. p. 134-145.

THOMASZ, Ana Gretel. Los nuevos distritos creativos de la Ciudad de Buenos Aires: la conversión del barrio de La Boca en el "Distrito de las Artes". *Eure*, Santiago, v. 42, n. 126, p. 123-144, 2016.

THROSBY, D. *Economics and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TORRACO, Richard J. Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human Resource Development Review*, v. 4, n. 3, p. 356-367, 2005.

ULLDEMOLINS, Joaquim Rius; KLEIN, Ricardo. From top – down urban planning to culturally sensitive planning? Urban renewal and artistic activism in a neo-bohemian district in Barcelona. *Journal of Urban Affairs*, v. 44, n. 4-5, p. 524-544, 2022.

VERBEEK, Arnold *et al.* Measuring progress and evolution in science and technology – I: The multiple uses of bibliometric indicators. *International Journal of Management Reviews*, v. 4, n. 2, p. 179-211, 2002.

VIGANÌ, Federica; ENGLAND, Lauren; COMUNIAN, Roberta. Connecting craft, design and the wood industry in South Tyrol: From clusters to creative ecosystem. *Journal of Rural Studies*, v. 104, p. 103149, 2023.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

ZARLENGA, Matías I.; ULLDEMOLINS, Joaquim Rius; MORATÓ, Arturo Rodríguez. Cultural clusters and social interaction dynamics: The case of Barcelona. *European Urban and Regional Studies*, v. 23, n. 3, p. 422-440, 2016.

ZUKIN, Sharon. Loft living as 'historic compromise' in the urban core: the New York experience. *International Journal of Urban & Regional Research*, v. 6, n. 2, 1982.

ZUKIN, Sharon; BRASLOW, Laura. The life cycle of New York's creative districts: Reflections on the unanticipated consequences of unplanned cultural zones. *City, Culture and Society*, v. 2, n. 3, p. 131-140, 2011.

Autor Correspondente

Danisson Luiz dos Santos Reis

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Campus Universitário, s/nº, Trindade. Florianópolis, SC, Brasil. CEP: 88040-900

danisson.sergipe@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

